

COLÓQUIO

Letras

DEZ ANOS DE LITERATURA PORTUGUESA
(1974-1984):

Eduardo Lourenço
Fernando J. B. Martinho
Maria Alzira Seixo
Eduardo Prado Coelho
Luiz Francisco Rebello

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL
EM PORTUGAL EM 1983:

Natércia Rocha

BRASIL / BALANÇO DO ANO LITERÁRIO
DE 1983:

Fausto Cunha
Flávio Moreira da Costa
Mário Pontes

POESIA:

Carlos Drummond de Andrade
Luiza Neto Jorge

NOTAS E COMENTÁRIOS:

Luciana Stegagno Picchio
Francisco Maciel Silveira

número **78** Março de 1984

Shi

B. N. L.
24. ABR. 1984
DEP. LEG.

COLÓQUIO | Letras



número **78** Março de 1984

1329

4881 98A 43
031 973

COLÓQUIO | Letras

REVISTA BIMESTRAL

Director:

Jacinto do Prado Coelho

Coordenador literário no Brasil: Lêdo Ivo

Secretário da Redacção: Luís Amaro

Orientador gráfico: José A. Rosado Flores

Secretaria: M. Pedro Perneco, M.^a Filipe Ramos Rosa

Propriedade da Fundação Calouste Gulbenkian

Número avulso: Portugal: 150\$00 | Estrangeiro: US \$5.00 dól.
Assin. anual (6 núm.): Portugal: 820\$00 | Estrangeiro: US \$30.00 dól.

*Só serão devolvidos textos solicitados
que não sejam publicados.*

Direcção, Redacção e Administração:
Avenida de Berna, 45 — 1093 LISBOA CODEX
End. teleg. FUNDABENKIAN — LISBOA
Telefs. 76 71 63, 73 51 31.

Distribuição e assinaturas:
E. P. N. C. — Divisão de Distribuição de Livros
Rua Rodrigues Faria, 103 — 1399 LISBOA CODEX
Telefs. 63 30 21, 63 30 26.

Distribuição no Brasil:
Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
Rua Conselheiro Ramalho, 330 — SÃO PAULO
Praça da Independência, 12 — SANTOS
Rua da Alfândega, 91, loja C — RIO DE JANEIRO

Execução gráfica da Sociedade Industrial Gráfica Telles da Silva, Lda., Lisboa.

Número de Depósito Legal: 2183/83

De há algum tempo para cá, têm-se sucedido em Portugal as iniciativas de reedição de revistas literárias consideradas raridades bibliográficas (ou porque tiveram tiragens escassas, ou porque não chegaram às mãos do público e ficaram nas da polfícia — como é o caso do *Portugal Futurista* —, ou por qualquer outra razão) e que desempenharam um papel fulcral como porta-voz de determinada geração ou movimento.

Entre essas iniciativas, cumpre realçar o plano de reedição fac-similada e prefaciada das revistas do Modernismo português, levado a cabo pela editorial Contexto, e que conta já com a publicação de *Centauro*, *Exílio*, *Portugal Futurista*, *Athena* e *Sudoeste*. A estes títulos vêm juntar-se ainda dois outros que, embora não sejam órgãos da geração pessoana, contam todavia com a colaboração de alguns dos seus nomes: *Eh Reall* e *Revista Portuguesa*.

Um tal ressurgimento do interesse pelas revistas e jornais literários do nosso século inscreve-se decerto num fenómeno mais amplo de «revivalismo». Convém notar que esta atenção editorial incide sobre revistas dum período bem definido: o primeiro Modernismo português. E não é por acaso: a leitura e a crítica literária estão sujeitas à Moda, e a geração de *Orpheu* está na moda. Proliferaram os estudos sobre Pessoa e os seus companheiros de letras, no ensino secundário e complementar já se estuda Pessoa, a Universidade ensina Pessoa, donde a existência dum público interessado em ter à mão instrumentos de trabalho como estas publicações, há muito quase inalcançáveis.

Ora é sabido que a Moda, mesmo no vestuário, não é só inovação, como também recuperação mais ou menos periódica do passado. Assim, talvez se possa compreender o interesse actual pela geração de Pessoa da mesma maneira que entendemos o revivalismo na música (consome-se hoje, de novo, música de Elvis Presley, dos primórdios do *rock*, etc.), nas artes decorativas ou nas ideias.

Passemos então «em revista» estas publicações modernistas reeditadas pela Contexto.

Eh Reall é um «panfleto semanal de crítica e doutrinação política», lançado em 1915 por João Camoesas, e

onde Pessoa publica o artigo «O Preconceito da Ordem».

Centauro e *Exílio* são duas revistas efémeras, saídas em 1916, órgãos decadentistas e paúlicos. Incluindo colaboração dos principais nomes do nosso Modernismo, representam no entanto um retrocesso relativamente à vanguarda órfica. O número único de *Centauro* abre com um artigo de Luís de Montalvor intitulado «Tentativa de um ensaio sobre a decadência», onde se diz: «Somos os descendentes do século da Decadência. [...] Só a Beleza nos interessa.» *Exílio* norteia-se também por um programa estético decadentista, ao mesmo tempo que defende valores políticos nacionalistas. Como acentua Teresa Almeida no seu prefácio à reedição da revista, o texto de António Sardinha «A colina inspirada», com os seus tópicos da «metafísica da Raça» e da «sedução do canto guerreiro», é já anunciador do «imaginário fascista».

Portugal Futurista (1917) é o órgão do futurismo literário em Portugal: agressividade, surpresa, ruptura vanguardista são nele as formas da provocação que fazem parte da receita para transformar o português num europeu. A reedição do seu número único é prefaciada por Teolinda Gersão.

A *Revista Portuguesa* é uma publicação de «literatura, crítica de arte, sport, teatro, música, vida estrangeira», saída em 1923 sob a direcção de Vítor Falcão, e que logo no editorial do primeiro número presta homenagem a «três grandes heróis da nossa independência mental»: Santa-Rita, Mário de Sá-Carneiro e Amadeu de Sousa-Cardoso. O prefácio da nova edição é assinado por Cecília Barreira.

Athena é uma revista dirigida por Fernando Pessoa e Ruy Vaz, e de que saíram cinco números (1924-25). No editorial do primeiro, caracteriza-se a arte suprema como abstracta, desumanizada e triste — o que se contrapõe aos princípios de alegria e entusiasmo preconizados pelos futuristas. Nela colaboram Pessoa, Mário Saa, Raul Leal, Mário de Sá-Carneiro («Os últimos poemas») e Alberto Caeiro, entre outros. Teresa Sousa de Almeida prefacia a reedição.

Finalmente, *Sudoeste* é uma publicação lançada em 1935 por Almada Negreiros, e corporiza uma tentativa tardia de dar continuidade ao movi-

mento órfico, sobretudo aos seus propósitos de abertura cultural ao estrangeiro, como o próprio título deixa implícito: ele pretende situar Portugal em relação à Europa, e não apenas em termos geográficos, como também culturais e políticos. Os dois primeiros números são de índole ensaística e política; o terceiro assume carácter mais propriamente literário, reunindo colaboradores de *Orpheu* e da *Pre-*

sença. É de Nuno Júdice o prefácio à nova edição.

Além de constituírem preciosos instrumentos de trabalho, todos estes volumes representam um fenómeno extremamente curioso, pelo ineditismo dum prolongamento no tempo de publicações normalmente destinadas a uma vida efémera.

C. R.

A ASCENSÃO AOS ENREDOS

É no cruzamento de poemas propriamente ditos com diversos textos não versificados, e também numa expansividade discursiva que nestes últimos atinge a sua maior amplitude, que Eduardo Paz Barroso vai definindo o estilo que se propõe em *Último Princípio — O Enredo da Distância* (Col. Plural, Gota de Água/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Porto/Lisboa, 1983), um estilo onde ressaltam o choque constante de imagens, a fuga a uma unicidade de sentido e a *perpétua desfocagem* do real.

Nesse enquadramento, obrigatoriamente terá de notar-se um dado pensador enumerativo e um laborioso trabalho de visão — um olhar por sobre o mundo que, por demasiado preso à rede do sensível, por vezes se quer desligado dos seus valores simbólicos, das próprias palavras:

*Vigio ilhas com o olhar emoldurado
no espaço.
Já não estou com as palavras. Uma
indisposição
onde insectos esvoaçam com silêncios
geométricos.
É preciso não perder a vista nas
palmeiras,
nem nas cabeças redondas que a
vegetação disfarça.*

Tal como terá de reparar-se — e, desde logo, no pequeno trecho acabado de transcrever, onde uma boa parte dos substantivos estão no plural — numa vocação que a maior parte dos próprios títulos dos poemas («Panoramas», «Postais Desfigurados», «Suposições», «Hipnoses», «Temperamentos», «Espécies de Silêncio», «Poses», etc.) também indiciam: a da pluralidade.

Essa pluralidade ligar-se-á, obviamente, à recusa de redutores e paradigmas e, por igual, à preferência (esta também deixada bem à vista no próprio título do volume) pela realidade mais problematizante e complexa, mais coincidente com uma procura que, fora dos códigos mais comuns, se quer efectivamente enredada («Pressinto um enredo / que não é o ritmo fácil do sentido»), em apreensão caleidoscópica, distante de toda a racionalidade.

Compreende-se assim que, no acompanhamento da referência, não ocasional, a uma «recordação milenária» e a um «conhecimento antigo», seja possível aqui entrever um visionarismo. Um visionarismo que, não enjeitando a funda e inestimável aventura de um Herberto Helder, inclusive uma mesma vontade de comércio íntimo com as «musas cegas», é escavação decifrador de uma luz oculta — a luz que sintetize, como que em «ascese súbita», a vastidão dos «mil livros» de um saber absoluto, tal como o microcómico ou o obscuro dos espaços interiores e nocturnos:

*Dentro da noite existem derrames
que o sono esconde.
Nessas cavidades, por onde divagam
as sombras frias de um rosto
dileitante,
a árdua lembrança do tacto
inunda o espelho magnético da
escuridão.
Um rosto arremessado contra
a sonolência
permite percursos anónimos,
a fortuita bifurcação de algumas
palavras,
suspensas nas nervuras da paisagem.*

J. R. S.